REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

PRÁTICAS ALIMENTARES DE CÃES E GATOS DOMÉSTICOS DE PIRIPIRI-PIAUÍ

FEEDING PRACTICES OF DOMESTIC DOGS AND CATS IN THE MUNICIPALITY OF PIRIPIRI, PIAUÍ

Ciências Agrárias • 25/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/795549626

Hélysson Ernandes Melo da Silva[1]

Stefany Kamilly de Azevedo Castro[2]

Francisca Dácia Arruda Viana[3]

Guilherme Antônio Lopes de Oliveira[4]

RESUMO

A alimentação adequada de cães e gatos contribui para a saúde e o bem-estar dos animais e depende das escolhas realizadas por seus responsáveis. Este estudo teve como objetivo conhecer as práticas alimentares e avaliar os conhecimentos dos responsáveis por cães e gatos domésticos no município de Piripiri-PI. Foi realizada uma pesquisa de campo, descritiva, com abordagem quantitativa, entre agosto e setembro de 2026. Os dados foram coletados por meio de um questionário com 19 perguntas, aplicado presencialmente e pela internet a pessoas com 18 anos ou mais. Após a aplicação dos critérios de exclusão, foram analisados 412 questionários, por meio da contagem das respostas e do cálculo de porcentagens. A alimentação comercial seca ou úmida foi informada por 47,33% dos participantes, seguida da alimentação mista, com 39,56%. A oferta de restos de comida, em alguma frequência, foi relatada por 79,61%. Embora 94,42% reconhecessem a influência da alimentação na saúde dos animais, 36,89% relataram não ter recebido orientação veterinária sobre o tema. Os resultados obtidos pelo trabalho mostraram que a maioria dos participantes já reconhecia a influência da alimentação na saúde animal, mas algumas práticas relatadas, como a oferta de restos de comida, destacaram a necessidade de ampliar as orientações sobre os cuidados alimentares de cães e gatos.

Palavras-chave: Nutrição animal; Cães; Gatos; Práticas alimentares; Orientação veterinária.

ABSTRACT

Proper feeding contributes to the health and well-being of dogs and cats and depends on the choices made by their owners. This study aimed to identify feeding practices and assess the knowledge of owners of domestic dogs and cats in the municipality of Piripiri,

Piauí, Brazil. A descriptive field study with a quantitative approach was conducted between August and September 2026. Data were collected through a 19-question questionnaire administered in person and online to individuals aged 18 years or older. After applying the exclusion criteria, 412 questionnaires were analyzed using response counts and percentages. Commercial dry or wet food was reported by 47.33% of participants, followed by mixed feeding, at 39.56%. Feeding table scraps at some frequency was reported by 79.61%. Although 94.42% acknowledged the influence of diet on animal health, 36.89% reported not having received veterinary guidance on the topic. The findings showed that most participants already recognized the influence of diet on animal health, but some reported practices, such as feeding table scraps, highlighted the need to expand guidance on feeding and nutritional care for dogs and cats.
Keywords: Animal nutrition; Dogs; Cats; Feeding practices; Veterinary guidance.

1. INTRODUÇÃO

A convivência entre seres humanos e animais de companhia tem se intensificado nas últimas décadas, com cães e gatos assumindo papel relevante no ambiente familiar e ampliando a responsabilidade dos responsáveis sobre os cuidados destinados à manutenção de sua saúde e bem-estar (Paulino; Sarkis, 2024; Maia *et al.*, 2025; Reis; Miranda, 2025). Nesse contexto, a alimentação constitui um dos principais determinantes da saúde animal, estando relacionada à manutenção das funções fisiológicas, ao desenvolvimento, à longevidade e à prevenção de enfermidades (Fabino Neto *et al.*, 2017). Além disso, a composição da dieta pode

influenciar aspectos comportamentais, reforçando a importância do manejo nutricional adequado (Impactos..., 2024).

A alimentação deve considerar as exigências específicas de cada espécie, idade e condição fisiológica, uma vez que dietas equilibradas contribuem para a manutenção da homeostase, enquanto práticas inadequadas podem favorecer distúrbios metabólicos e comprometer a saúde dos animais (Fabino Neto *et al.*, 2017; Deboni *et al.*, 2025). Embora a indústria de alimentos para animais disponibilize produtos formulados de acordo com necessidades nutricionais específicas (Jardim *et al.*, 2019), ainda são observadas práticas baseadas em informações empíricas, como a oferta de restos de alimentos humanos, excesso de petiscos e dietas caseiras sem acompanhamento profissional, capazes de ocasionar desequilíbrios nutricionais e repercussões clínicas (Reis; Miranda, 2025).

A humanização dos animais de companhia também pode interferir no manejo alimentar, favorecendo a incorporação de hábitos humanos à alimentação dos animais, sem considerar suas particularidades fisiológicas (Maia *et al.*, 2025; Impactos..., 2024). Nesse cenário, o conhecimento dos responsáveis assume papel fundamental, pois suas decisões alimentares são influenciadas pelo acesso à informação, orientação profissional e percepção sobre as necessidades nutricionais dos animais (Waller; Cleff; Mello, 2013; Ogoshi *et al.*, 2015). A disseminação de informações sem respaldo científico, associada a fatores socioeconômicos e culturais, pode favorecer escolhas inadequadas e interferir na qualidade da alimentação oferecida (Waller; Cleff; Mello, 2013; Lenox, 2021; Brito, 2024).

Estudos realizados nas regiões Sul e Sudeste do Brasil demonstram um crescente interesse dos responsáveis por cães e gatos pela alimentação natural, além da predominância do uso de rações comerciais secas no manejo alimentar dos animais. As pesquisas também evidenciam práticas como o fornecimento de sobras de refeições humanas, a oferta de petiscos e a formulação de dietas sem acompanhamento profissional (Panazzolo *et al.*, 2024; Mota; Ott, 2024). Além disso, observa-se que muitos responsáveis obtêm informações sobre nutrição animal principalmente por meio da internet, o que pode favorecer a adoção de condutas baseadas em informações sem respaldo técnico-científico (Mota; Ott, 2024).

Embora estudos semelhantes sejam desenvolvidos em diferentes regiões do Brasil, ainda são escassas as evidências científicas relacionadas a essa temática no Nordeste, especialmente no estado do Piauí e no município de Piripiri. Essa lacuna evidencia a necessidade de compreender o nível de conhecimento dos responsáveis por cães e gatos e as principais práticas alimentares adotadas no ambiente domiciliar, bem como os fatores socioeconômicos, culturais e relacionados ao acesso à informação que influenciam essas condutas. Nesse contexto, o problema que fundamenta a presente pesquisa está relacionado à necessidade de compreender como os responsáveis realizam o manejo alimentar de seus animais e quais fatores estão associados às suas escolhas. A investigação mostra-se relevante diante da importância da alimentação para a manutenção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida dos animais de companhia, podendo contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a realidade local e ajudar em ações de educação nutricional e conscientização dos responsáveis.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar a percepção e o nível de conhecimento dos responsáveis por cães e gatos domésticos do município de Piripiri-PI acerca do manejo alimentar, bem como identificar as principais práticas alimentares adotadas e os fatores que influenciam essas condutas. Busca-se, ainda, compreender os hábitos e conhecimentos dos responsáveis sobre nutrição animal, as práticas relacionadas ao tipo e à frequência da alimentação fornecida, ao uso de alimentos caseiros e petiscos e à influência da humanização, além de verificar a influência de fatores socioeconômicos, culturais e do acesso à informação veterinária nas escolhas alimentares. Dessa forma, a pesquisa contribui para a compreensão das práticas de manejo alimentar adotadas no município e pode subsidiar estratégias voltadas à promoção da saúde e da qualidade de vida de cães e gatos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Evolução da Domesticação de Cães e Gatos e as Transformações no Manejo Alimentar

A domesticação de cães e gatos transformou progressivamente a relação entre seres humanos e animais, influenciando seus comportamentos, funções sociais e práticas alimentares. Os cães foram domesticados ainda no período Paleolítico e desenvolveram adaptações metabólicas relacionadas à convivência com populações humanas, enquanto os gatos aproximaram-se dos assentamentos agrícolas em busca de alimento e abrigo, especialmente pela presença de roedores (Ní Leathlobhair *et al.*, 2018; Perri *et al.*, 2021; Freedman; Wayne, 2017; Driscoll *et al.*, 2007; Ottoni *et al.*, 2017). Com a urbanização e o fortalecimento do vínculo afetivo, ambos passaram a integrar o núcleo familiar, modificando também o

manejo alimentar, que evoluiu do fornecimento de sobras e da obtenção de alimentos por caça para o uso de dietas formuladas conforme espécie, idade, porte e condição fisiológica (Oliveira; Notomi, 2023; Paulino; Sarkis, 2024; Fediaf, 2024; Lopes, 2023). Entretanto, a humanização pode favorecer a oferta de alimentos humanos, petiscos e dietas caseiras sem formulação adequada, enquanto fatores socioeconômicos, culturais e o acesso à informação também influenciam as escolhas dos responsáveis (Impactos..., 2024; Deboni *et al.*, 2025; Villaverde; Chandler, 2022; Arruda *et al.*, 2022; Almeida; França; Sotero, 2023).

2.2. Exigências Nutricionais de Cães e Gatos nas Diferentes Fases da Vida

A nutrição adequada é essencial à manutenção da saúde, ao desenvolvimento e à prevenção de enfermidades em cães e gatos, devendo considerar as particularidades fisiológicas de cada espécie e fase de vida (Lopes, 2023). Cães são classificados como carnívoros oportunistas, apresentando maior capacidade de utilização de carboidratos e alimentos de origem vegetal associados à proteína animal, enquanto gatos são carnívoros obrigatórios e dependem de nutrientes específicos, como proteínas de origem animal, taurina, arginina, vitamina A pré-formada e ácido araquidônico (Fediaf, 2024; Case *et al.*, 2010). As necessidades nutricionais variam ao longo da vida: filhotes apresentam maior demanda energética e proteica; adultos necessitam de equilíbrio energético para manutenção da condição corporal; gestantes e lactantes requerem maior aporte energético, proteico e mineral; e animais geriátricos podem necessitar de ajustes relacionados à digestibilidade, ao controle energético e às condições clínicas (Krolow *et al.*, 2021; Hand *et al.*, 2010; Fascetti *et al.*, 2023; Churchill; Eirmann, 2021). Dessa forma,

tanto deficiências quanto excessos nutricionais podem provocar alterações metabólicas, imunológicas e gastrointestinais, reforçando a importância de dietas adequadas às necessidades individuais e de orientação profissional (Villaverde; Chandler, 2022; Impactos..., 2024).

2.3. Práticas Alimentares Inadequadas e Oferta de Alimentos Potencialmente Tóxicos

A humanização dos animais de companhia pode favorecer a oferta de restos de alimentos, produtos destinados ao consumo humano, petiscos em excesso e dietas caseiras sem formulação profissional, práticas que podem comprometer o equilíbrio nutricional e favorecer alterações metabólicas, gastrointestinais e toxicológicas, especialmente quando associadas à ausência de orientação veterinária (Ribeiro; Silva; Massari, 2021; Ogoshi *et al.*, 2015; Brito, 2024). Entre os alimentos potencialmente tóxicos destacam-se chocolate, cebola, alho, uva, uva-passa, xilitol e produtos com elevada concentração de cafeína, capazes de provocar alterações cardiovasculares, neurológicas, gastrointestinais, hematológicas, hepáticas e renais, conforme o alimento, a quantidade ingerida e as características do animal (Dannemann, 2025; Redação Artmed, 2025; Lenox, 2021; Santos *et al.*, 2022; Waller; Cleff; Mello, 2013). Além disso, a substituição inadequada da alimentação comercial por dietas caseiras e o uso indiscriminado de suplementos podem causar tanto deficiências quanto excessos de nutrientes, evidenciando a necessidade de escolhas alimentares fundamentadas e orientação profissional (Brito, 2024; Ribeiro; Silva; Massari, 2021).

2.4. Impactos do Manejo Alimentar Inadequado Sobre a Saúde de Cães e Gatos

O manejo alimentar inadequado pode contribuir para o desenvolvimento de enfermidades metabólicas, gastrointestinais e sistêmicas, comprometendo a condição corporal, a qualidade de vida e a longevidade de cães e gatos (Ogoshi *et al.*, 2015; Paulino; Sarkis, 2024). A obesidade destaca-se entre as principais alterações nutricionais e está associada ao consumo excessivo de alimentos hipercalóricos, petiscos e à baixa atividade física, aumentando a predisposição a doenças cardiovasculares e osteoarticulares e à resistência insulínica, além de alterações metabólicas e lipidose hepática em felinos (Lima *et al.*, 2021; Santos; Souza, 2026; Porsani *et al.*, 2020). Dietas inadequadas também podem favorecer pancreatite, diabetes mellitus, distúrbios gastrointestinais e alterações da microbiota, além de contribuir para sobrecarga renal, especialmente em animais idosos ou predispostos a doenças renais (Cridge; Parker; Kathrani, 2024; Sousa, 2021; Jericó *et al.*, 2023; Lima; Mendes Junior, 2024; Fascetti *et al.*, 2023; Churchill; Eirmann, 2021). Paralelamente, dietas caseiras sem formulação profissional e o uso inadequado de suplementos podem ocasionar deficiências ou excessos de vitaminas, minerais, aminoácidos e ácidos graxos, comprometendo diferentes funções orgânicas (Villaverde; Chandler, 2022; Case *et al.*, 2010; Krolow *et al.*, 2021). Assim, o manejo alimentar compatível com as necessidades individuais, associado à identificação de fatores de risco e à orientação dos responsáveis, constitui importante estratégia para promoção da saúde e qualidade de vida animal (Impactos..., 2024; Porsani *et al.*, 2023).

2.5. Influência do Conhecimento dos Responsáveis nas Condutas Alimentares e na Promoção da Saúde Animal

O conhecimento dos responsáveis constitui fator determinante para as escolhas alimentares e para a promoção da saúde de cães e

gatos, sendo influenciado pela percepção sobre as necessidades nutricionais, acesso à informação, orientação profissional e condições socioeconômicas (Almeida; França; Sotero, 2023; Brito, 2024). A orientação nutricional adequada favorece o reconhecimento das necessidades específicas dos animais e a adoção de práticas mais compatíveis com suas características fisiológicas, enquanto informações provenientes de redes sociais, mídias digitais e recomendações empíricas podem estimular condutas sem respaldo científico (Arruda *et al.*, 2022; Oliveira; Notomi, 2023). Aspectos econômicos e culturais também interferem no manejo, considerando o custo dos alimentos, acesso a produtos específicos, disponibilidade de serviços veterinários e hábitos familiares relacionados à oferta de alimentos humanos e petiscos (Paulino; Sarkis, 2024; Arruda *et al.*, 2022). Nesse contexto, a atuação do médico veterinário é fundamental para a educação nutricional, identificação de práticas de risco e orientação quanto às necessidades de cada espécie, fase da vida e condição fisiológica (Deboni *et al.*, 2025; Krolow *et al.*, 2021; Porsani *et al.*, 2020).

3. METODOLOGIA

Este trabalho consistiu em uma pesquisa de campo, descritiva e com abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada no município de Piripiri, no estado do Piauí, com responsáveis por cães e gatos domésticos. O estudo buscou conhecer as práticas alimentares adotadas por essas pessoas, além de avaliar seus conhecimentos sobre a alimentação dos animais.

Foram incluídas na análise as respostas de pessoas com idade igual ou superior a 18 anos, residentes em Piripiri-PI e responsáveis pelos cuidados de pelo menos um cão ou gato. Foram excluídos os

questionários de pessoas que não atendiam a esses critérios e aqueles preenchidos de forma incompleta.

A coleta de dados foi feita por meio de um questionário aplicado presencialmente e pela internet. Antes de responder, cada participante recebeu informações sobre os objetivos da pesquisa e confirmou sua participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O preenchimento do questionário levou de cinco a dez minutos. Após a conclusão do questionário, os participantes da pesquisa online tiveram acesso a uma cartilha digital com dicas sobre alimentação de cães e gatos. Na aplicação presencial, foi entregue um cartão com orientações sobre o mesmo tema, também após o preenchimento. Durante a aplicação, não foram fornecidas orientações sobre alimentação, para evitar influência nas respostas.

O questionário continha 19 perguntas, principalmente de múltipla escolha. As perguntas abordavam informações sobre os animais, como espécie, sexo, castração, porte, idade, condição corporal e local onde viviam. Também foram coletadas informações sobre os responsáveis, como idade, escolaridade e renda familiar.

Outras perguntas tratavam da alimentação oferecida aos animais, incluindo o tipo de alimento, a categoria da ração, o gasto mensal, os critérios utilizados na escolha do alimento, a quantidade de refeições por dia e a oferta de restos de comida. O questionário também avaliou o conhecimento dos participantes sobre os riscos de uma alimentação inadequada e verificou se eles já haviam recebido orientação de um médico-veterinário sobre a alimentação de seus animais.

Depois do preenchimento, as respostas foram organizadas em uma planilha. Os dados foram analisados por meio da contagem das respostas e do cálculo de porcentagens. Os resultados foram apresentados em tabelas e gráficos para facilitar a compreensão e permitir a comparação entre as respostas dos participantes.

Nas perguntas em que o participante pôde escolher mais de uma alternativa, cada opção foi analisada separadamente. Por esse motivo, a soma das porcentagens dessas perguntas pôde ultrapassar 100%. Também foram feitas comparações entre informações como renda, escolaridade, tipo de alimentação, orientação veterinária e conhecimento sobre os riscos da alimentação inadequada.

A pesquisa apresentou riscos mínimos, como possível desconforto ao responder alguma pergunta. O participante pôde deixar de responder qualquer questão ou desistir da participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. As informações pessoais foram mantidas em sigilo, e os resultados foram apresentados de forma geral, sem identificar os participantes.

O estudo seguiu as normas éticas para pesquisas com seres humanos, de acordo com as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. A participação ocorreu de forma voluntária, e os dados coletados foram utilizados apenas para fins acadêmicos e científicos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao todo, foram obtidas 434 respostas entre agosto e setembro de 2026. Destas, 250 foram respondidas de forma impressa, sendo 12 excluídas por pertencerem a pessoas que não residiam em Piripiri-

PI, restando 238 válidas. Outras 184 foram obtidas diretamente pela internet, das quais dez foram excluídos pelo mesmo motivo, restando 174 válidas. Assim, 412 respostas foram incluídas na análise.

Perfil dos Responsáveis e dos Animais

Predominaram participantes de 18 a 25 anos e com ensino superior incompleto. A renda familiar mais informada foi de um a três salários mínimos (Tabela 1).

Tabela 1. Perfil dos responsáveis pelos animais.

Característica	**n**		**%**
Idade: 18 a 25 anos	228		55,34
Idade: 26 a 40 anos	133		32,28
Idade: 41 a 60 anos	45		10,92
Idade: acima de 60 anos	6		1,46
Escolaridade: fundamental incompleto	14		3,40
Escolaridade: fundamental completo	9		2,18
Escolaridade: médio completo	132		32,04
Escolaridade: superior incompleto	176		42,72
Escolaridade: superior completo	81		19,66
Renda: até um salário mínimo	112		27,18
Renda: de um a três salários mínimos	159		38,59

Renda: de três a cinco salários mínimos	46		11,17
Renda: acima de cinco salários mínimos	22		5,34
Renda: preferiram não informar	73		17,72

Fonte: Dados da pesquisa (2026). Base: 412 participantes.

Esses dados caracterizaram um grupo formado principalmente por adultos jovens e pessoas com ensino médio completo ou acesso ao ensino superior. A descrição desse perfil contribuiu para conhecer o público alcançado pela pesquisa e para pensar em formas de comunicação sobre alimentação animal. A presença de diferentes níveis de escolaridade reforçou a importância de apresentar as orientações de maneira clara, com exemplos relacionados à escolha dos alimentos e à rotina das refeições.

Ribeiro (2019), no Brejo Paraibano, também encontrou maior participação de responsáveis com renda de um a três salários mínimos (84,8%). Em Piripiri, as duas primeiras faixas de renda reuniram 65,78% dos participantes. Esse perfil reforçou a importância de considerar o orçamento familiar nas orientações sobre alimentação animal.

Na caracterização dos animais, as categorias mais assinaladas foram felino macho castrado (22,57%), felino fêmea castrada (19,42%) e felino macho não castrado (18,93%). Entre as categorias de cães, destacou-se a de fêmea não castrada de pequeno porte, com 76 respostas (18,45%). Quanto à idade, destacaram-se as faixas de um a três anos (54,37%) e de quatro a sete anos (42,72%). Essas questões permitiram mais de uma resposta. Portanto, os percentuais

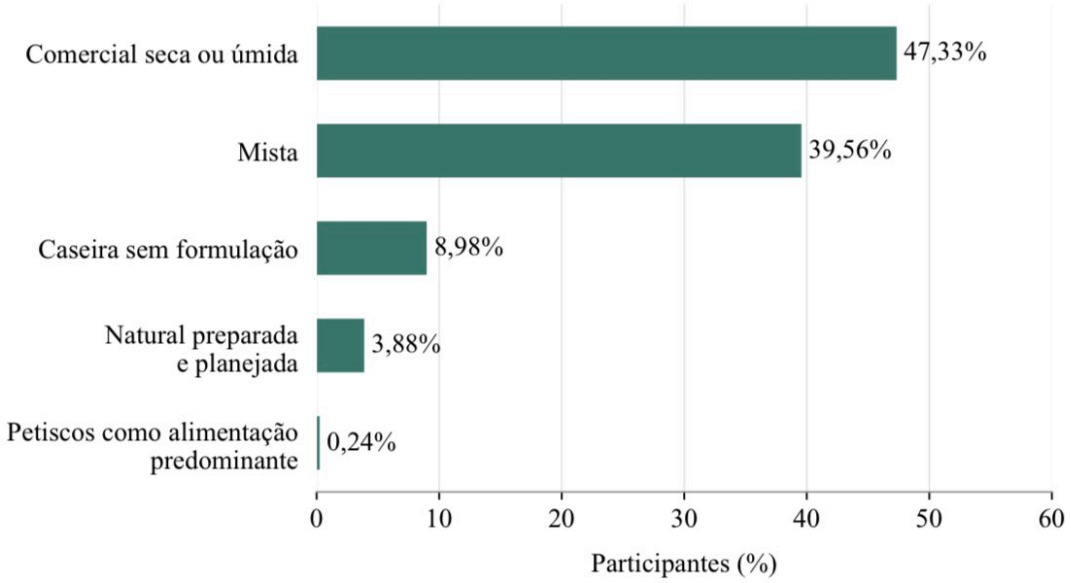
representaram os responsáveis que assinalaram cada alternativa, e não o total de animais.

A condição corporal foi considerada adequada por 88,35% dos responsáveis, enquanto 17,48% indicaram animais acima do peso e 1,94% abaixo do peso. Outros 4,61% não souberam avaliar. Essa informação correspondeu à percepção dos participantes. O reconhecimento de animais acima ou abaixo do peso destacou a condição corporal como tema relevante para o acompanhamento veterinário. Quanto ao ambiente, 63,35% informaram que os animais permaneciam dentro de casa e no quintal, e 8,25% relataram livre acesso à rua. A diversidade de idade e condições de criação destacou a necessidade de ajustar a alimentação às características de cada animal, conforme discutido por Fabino Neto *et al.* (2017).

Práticas Alimentares

A alimentação comercial seca ou úmida foi a mais informada, seguida da alimentação mista (Gráfico 1). Costa Júnior *et al.* (2021), em São Luís-MA, também observaram destaque para a ração seca (57%). Em Santa Catarina, Panazzolo *et al.* (2024) identificaram seu uso por mais de 70% dos entrevistados. Embora as categorias dos questionários fossem diferentes, os estudos mostraram a presença expressiva de alimentos comerciais na rotina dos animais.

Gráfico 1. Tipo de alimentação.



Fonte: Dados da pesquisa (2026). Base: 412 participantes.
Nota: A soma dos percentuais pode diferir de 100% devido ao arredondamento.

A categoria de ração mais informada foi a econômica (40,53%), seguida da premium (33,25%) e super premium (15,05%). Outros 6,80% não souberam informar a categoria, e 4,37% declararam não utilizar ração. Para comparar a categoria da ração entre as faixas de renda, foram considerados os 339 participantes que informaram a renda familiar. Entre os 112 participantes com renda de até um salário mínimo, 50,00% utilizaram ração econômica e 7,14% utilizaram super premium. Entre os 22 participantes com renda acima de cinco salários mínimos, essas proporções foram de 18,18% e 40,91%, respectivamente. Portanto, o uso de ração econômica foi proporcionalmente maior na menor faixa de renda, enquanto o uso de super premium foi maior na faixa de renda mais elevada. As porcentagens foram calculadas dentro de cada faixa de renda.

Na escolha do alimento, a preferência do animal foi assinalada por 50,00%, a composição nutricional por 43,93%, o preço por 28,64%, a indicação veterinária por 19,42% e a marca por 11,89%. Essa questão permitiu múltiplas respostas.

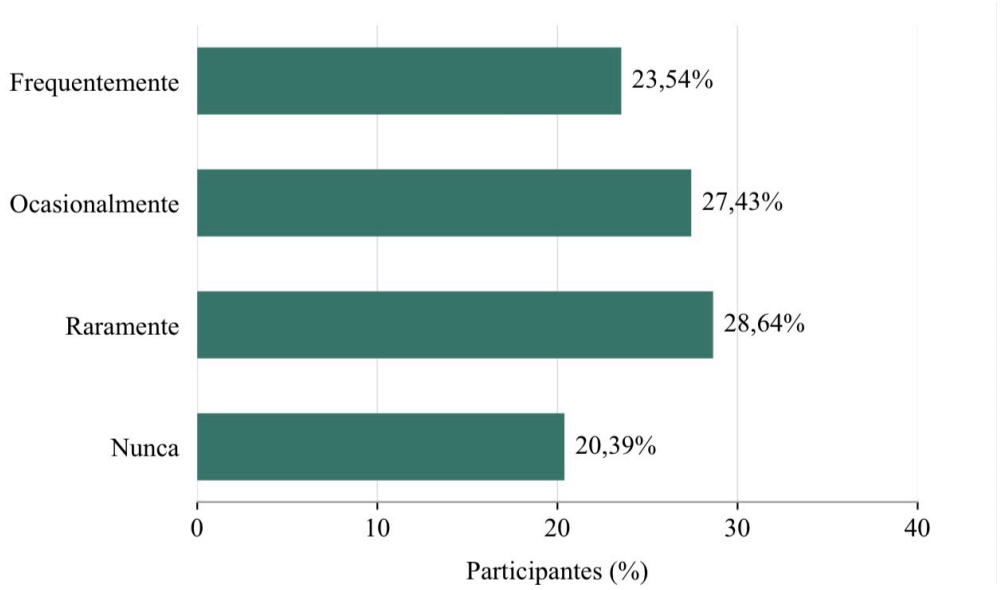
Mota e Ott (2024), no Rio de Janeiro, também encontraram destaque para a preferência do animal (54,3%) e a composição nutricional (53,3%). A proximidade entre os resultados destacou que a aceitação do alimento ocupou lugar importante nas escolhas dos responsáveis nos dois estudos. Em Piripiri, a qualidade nutricional também recebeu atenção, sendo o segundo critério mais assinalado. Esses achados apontaram a pertinência de orientações que considerem tanto a aceitação quanto a composição do alimento, ajudando o responsável a escolher uma dieta adequada às características do animal. Paulino e Sarkis (2024) discutiram como as mudanças na relação entre pessoas e animais influenciaram a alimentação e a indústria de alimentos para animais de companhia. Nesse contexto, as orientações profissionais podem ajudar os responsáveis a conciliar aceitação, custo e necessidades nutricionais.

Quanto às refeições, três ofertas diárias foram informadas por 34,22% dos participantes, duas por 32,52%, mais de três por 11,17% e uma por 6,80%; outros 15,29% deixavam o alimento disponível. Costa Júnior *et al.* (2021) encontraram maior frequência de duas refeições (52%), assim como Panazzolo *et al.* (2024), com 42,50%. Em Piripiri, o destaque para duas e três refeições indicou uma rotina de oferta dividida ao longo do dia. O ajuste das porções e da frequência deve considerar a fase de vida e as necessidades do animal (Fabino Neto *et al.*, 2017).

A oferta de restos de comida, em alguma frequência, foi relatada por 79,61% dos participantes. Esse resultado destacou a importância de esclarecer a diferença entre oferecer sobras das refeições e utilizar uma dieta caseira formulada. Ao tratarem especificamente de gatos, Villaverde e Chandler (2022) explicaram que dietas caseiras exigem formulação adequada e cumprimento da receita, pois mudanças

nos ingredientes e nas quantidades podem comprometer o equilíbrio nutricional.

Gráfico 2. Oferta de restos de comida.



Fonte: Dados da pesquisa (2026). Base: 412 participantes.

Na comparação por renda, a oferta frequente de restos de comida foi relatada por 29,46% dos participantes com renda de até um salário mínimo e por 13,64% daqueles com renda acima de cinco salários mínimos. Assim, essa prática foi proporcionalmente mais comum na menor faixa de renda do que na maior.

Também foi comparada a categoria da ração utilizada pelos participantes que ofereciam restos frequentemente e por aqueles que nunca ofereciam. No primeiro grupo, formado por 97 participantes, 54,64% utilizaram ração econômica e 8,25% utilizaram super premium. No segundo grupo, formado por 84 participantes, essas proporções foram de 26,19% e 34,52%, respectivamente. A ração econômica foi, portanto, mais comum entre os que ofereciam restos frequentemente, enquanto a super premium apresentou maior proporção entre os que nunca ofereciam. Nessa comparação,

as porcentagens foram calculadas dentro de cada grupo de oferta de restos.

Quanto ao gasto mensal com alimentação, 52,18% dos participantes informaram gastar até R$ 200, e 33,98%, de R$ 201 a R$ 400. Ao comparar as faixas de renda, o gasto acima de R$ 400 foi relatado por 8,93% dos participantes com renda de até um salário mínimo e por 36,36% daqueles com renda acima de cinco salários mínimos.

O gasto também apresentou diferenças conforme a oferta de restos de comida. Entre os participantes que ofereciam restos frequentemente, 65,98% gastaram até R$ 200 mensais com alimentação. Entre aqueles que nunca ofereciam, essa proporção foi de 41,67%.

Conhecimento e Orientação Veterinária

A maioria dos participantes afirmou que a alimentação influenciava a saúde dos animais, e 63,11% relataram já ter recebido orientação veterinária. Os problemas digestivos foram o risco mais reconhecido (Tabela 2).

Tabela 2. Conhecimento sobre alimentação e orientação veterinária.

Característica	**n**	**%**
Afirmaram que a alimentação influenciava a saúde	389	94,42
Negaram essa influência	8	1,94
Não souberam informar	15	3,64
Já receberam orientação veterinária	260	63,11

Não receberam orientação veterinária	152	36,89
Risco reconhecido: problemas digestivos	289	70,15
Risco reconhecido: doenças	253	61,41
Risco reconhecido: intoxicação	234	56,80
Risco reconhecido: obesidade	232	56,31
Risco reconhecido: deficiência nutricional	210	50,97
Risco reconhecido: problemas dermatológicos	191	46,36
Risco reconhecido: redução da expectativa de vida	179	43,45
Não reconheceram nenhum dos riscos	2	0,49

Fonte: Dados da pesquisa (2026). Base: 412 participantes. A questão sobre riscos permitiu mais de uma alternativa; a soma dos percentuais ultrapassou 100%.

O reconhecimento de diferentes riscos mostrou que o conhecimento dos responsáveis abrangeu consequências variadas da alimentação inadequada. Fabino Neto *et al.* (2017) destacaram a importância do fornecimento de nutrientes em quantidades adequadas nas diferentes fases da vida. Esse conteúdo pode ser trabalhado nas orientações aos responsáveis com exemplos sobre porções, escolha dos alimentos e acompanhamento da condição corporal.

A maioria dos participantes (63,11%) relatou já ter recebido orientação veterinária sobre alimentação, enquanto 36,89% responderam que não. Como contribuição educativa da pesquisa, após o preenchimento do questionário, foi disponibilizada uma cartilha digital aos participantes da aplicação online e entregue um cartão

com dicas aos participantes da aplicação presencial. Os materiais tiveram como objetivo orientar os responsáveis sobre os cuidados com a alimentação de cães e gatos.

Por se basear em respostas dos responsáveis, a pesquisa descreveu práticas e percepções, sem avaliação clínica dos animais ou análise da composição dos alimentos. Os resultados caracterizaram o grupo participante e contribuíram para orientar ações de educação sobre alimentação de cães e gatos no município.

5. CONCLUSÃO

O estudo permite conhecer as práticas alimentares e os conhecimentos dos responsáveis por cães e gatos participantes da pesquisa em Piripiri-PI, atendendo ao objetivo proposto. A maioria reconhece a importância da alimentação para a saúde animal, mas práticas como a oferta de restos de comida e o uso de alimentação caseira sem formulação mostram a necessidade de ampliar as orientações sobre os cuidados alimentares.

A preferência do animal, a composição nutricional e o preço se destacam entre os critérios de escolha dos alimentos. Na comparação entre a menor e a maior faixa de renda, o uso de ração super premium e os gastos acima de R$ 400 com alimentação são proporcionalmente maiores entre os participantes de maior renda. Já a oferta frequente de restos de comida é mais comum na menor faixa. Essas diferenças mostram a importância de considerar as condições financeiras dos responsáveis nas orientações sobre alimentação. Parte dos participantes também relata não ter recebido orientação veterinária sobre o tema.

A pesquisa contribui para identificar temas que podem orientar ações educativas no município, especialmente sobre escolha dos alimentos, quantidade oferecida e cuidados com dietas caseiras. A cartilha digital e os cartões entregues após o preenchimento dos questionários representam uma contribuição educativa do trabalho. Dessa forma, o trabalho reforça a importância de levar informações claras sobre alimentação aos responsáveis por cães e gatos de Piripiri.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Celia Maria Nascimento; FRANÇA, Cristiane Melo; SOTERO, Marcos. Percepção dos tutores sobre o manejo alimentar de cães e gatos domiciliados na oferta de dieta ad libitum e controlada. Revista FT, v. 27, n. 129, 21 dez. 2023. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.10420565. Acesso em: 18 maio 2026.

ARRUDA, Igor Falco *et al.* Socioeconomic profile, animal care, sanitary practices, and knowledge about parasites among owners of domestic dogs and cats treated in Rio de Janeiro city. Brazilian Journal of Veterinary Medicine, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.29374/2527-2179.bjvm001822. Acesso em: 17 maio 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2012. Disponível em: https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view. Acesso em: 10 set. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view. Acesso em: 10 set. 2026

BRITO, Priscila de Carvalho. O impacto do antropomorfismo na saúde e no bem-estar dos cães de companhia na cidade de Brasília, Distrito Federal. Revista Foco, v. 17, n. 11, e6648, 2024. DOI: https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n11-156. Disponível em: https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/6648. Acesso em: 15 maio 2026.

CASE, Linda P.; DARISTOTLE, Leighann; HAYEK, Michael G.; FOESS RAASCH, Melody. Canine and feline nutrition: a resource for companion animal professionals. 3. ed. Maryland Heights: Mosby, 2010. Disponível em: https://books.google.com.cu/books?id=hd4CRyaDkKoC. Acesso em: 15 maio 2026.

CHURCHILL, Julie A.; EIRMANN, Laura. Senior pet nutrition and management. Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice, v. 51, n. 3, p. 635–651, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2021.01.004. Acesso em: 15 maio 2026.

COSTA JÚNIOR, Sérgio Henrique *et al.* Manejo nutricional de cães e gatos domiciliados em São Luís - Maranhão. PUBVET, v. 15, n. 2, a741, p. 1-5, 2021. DOI: https://doi.org/10.31533/pubvet.v15n02a741.1-5. Acesso em: 05 out. 2026.

CRIDGE, Harry; PARKER, Valerie J.; KATHRANI, Aarti. Nutritional management of pancreatitis and concurrent disease in dogs and

cats. Journal of the American Veterinary Medical Association, 2024. DOI: https://doi.org/10.2460/javma.23.11.0641. Acesso em: 19 maio 2026.

DANNEMANN, Eitel Teixeira. Intoxicação por chocolate em cães. EFECADEPATOS, 9 jun. 2025. Disponível em: https://efecadepatos.com.br/intoxicacao-por-chocolate-em-caes/. Acesso em: 17 maio 2026.

DEBONI, Ana Carolina do Nascimento *et al.* Avaliação nutricional e percepção dos responsáveis à alimentação de animais de companhia atendidos na clínica escola veterinária da Universidade Iguaçu. Revista Delos, Curitiba, v. 18, n. 64, p. 1–20, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.55905/rdelosv18.n64-024. Acesso em: 10 mar. 2026.

DRISCOLL, Carlos A. *et al.* The Near Eastern origin of cat domestication. Science, v. 317, n. 5837, p. 519–523, 2007. DOI: https://doi.org/10.1126/science.1139518. Acesso em: 20 maio 2026.

FABINO NETO, Ronaildo *et al.* Nutrição de cães e gatos em suas diferentes fases de vida. Colloquium Agrariae, v. 13, n. especial, p. 348-363, 2017. DOI: https://doi.org/10.5747/ca.2017.v13.nesp.000239. Acesso em: 05 out. 2026.

FASCETTI, Andrea J.; DELANEY, Sean J.; LARSEN, Jennifer A.; VILLAVERDE, Cecilia (ed.). Applied veterinary clinical nutrition. 2. ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2023. DOI: https://doi.org/10.1002/9781119375241. Acesso em: 19 maio 2026.

FEDIAF. Nutritional guidelines for complete and complementary pet food for cats and dogs. Publication July 2024. Disponível em:

https://europeanpetfood.org/wp-content/uploads/2024/09/FEDIAF-Nutritional-Guidelines_2024.pdf. Acesso em: 17 maio 2026.

FREEDMAN, Adam H.; WAYNE, Robert K. Deciphering the origin of dogs: from fossils to genomes. Annual Review of Animal Biosciences, v. 5, p. 281–307, 2017. DOI: https://doi.org/10.1146/annurev-animal-022114-110937. Acesso em: 14 maio 2026.

HAND, Michael S.; THATCHER, Craig D.; REMILLARD, Rebecca L.; ROUDEBUSH, Philip; NOVOTNY, Bruce J. (ed.). Small animal clinical nutrition. 5. ed. Topeka: Mark Morris Institute, 2010. Disponível em: https://www.markmorrisinstitute.org/sacn5_download.html. Acesso em: 16 maio 2026.

IMPACTOS da nutrição na saúde comportamental de cães e gatos. [S. l.]: PremierPet, 2024. Disponível em: https://premierpet.com.br/wp-content/uploads/2024/05/20-Impactos-da-nutricao-na-saude-comportamental-de-caes-e-gatos.pdf. Acesso em: 12 mar. 2026.

JARDIM, Andressa de Melo *et al.* Nutrição de pequenos animais: alternativas na alimentação de cães e gatos. 2019. Disponível em: https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/29670/1/Nutricao%20pet.pdf. Acesso em: 25 mar. 2026.

JERICÓ, Márcia Marques; NETO, João Pedro de Andrade; KOGIKA, Márcia Mery. Tratado de medicina interna de cães e gatos. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2023. E-book. Disponível em: https://app.minhabiblioteca.com.br/books/9788527739320. Acesso em: 17 maio. 2026.

KROLOW, Mariana Timm; LIMA, Camila Moura de; RONDELLI, Mariana Cristina Hoeppner; NOBRE, Márcia de Oliveira. A importância do planejamento nutricional na alimentação de cães e gatos domésticos ao longo de seu ciclo biológico: uma revisão. Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 9, e58010918341, 2021. DOI: https://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18341. Acesso em: 18 maio 2026.

LENOX, Catherine E. Nutritional management for dogs and cats with gastrointestinal diseases. Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice, v. 51, n. 3, p. 669–684, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2021.01.006. Acesso em: 17 maio 2026.

LIMA, Camila Moura de; PEREIRA, Miriane Mendes; GRALA, Caroline Xavier; BOFF, Gustavo Antônio; FERRAZ, Alexsander; RONDELLI, Mariana Cristina Hoeppner; NOBRE, Márcia de Oliveira. A importância do acompanhamento do médico veterinário durante a perda de peso em felinos domésticos. Ciência Animal, [S. l.], v. 31, n. 3, p. 27–37, 2021. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/cienciaanimal/article/view/9311. Acesso em: 17 maio 2026.

LIMA, Letícia de Souza Barcellos; MENDES JUNIOR, Aguinaldo Francisco. Alimentação natural e seus efeitos na saúde intestinal de cães e gatos: revisão de literatura. Research, Society and Development, v. 13, n. 11, e107131147480, 2024. DOI: https://doi.org/10.33448/rsd-v13i11.47480. Acesso em: 17 maio 2026.

LOPES Ramos de Oliveira, F. Cães e Gatos: Exigências nutricionais, qualidade e tipos de rações. Revista Científica Mais Pontal, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 35–45, 2023. Disponível em:

https://revistas.facmais.edu.br/index.php/maispontal/article/view/51. Acesso em: 15 maio 2026.

MAIA, Murilo José Marques *et al.* Probióticos, prebióticos e pós-bióticos na nutrição de cães e gatos. In: Nutrição e produção de animais não-ruminantes: impactos, tendências e desafios contemporâneos. Belo Horizonte: Científica Digital, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.37885/251020429. Acesso em: 29 mar. 2026.

MOTA, Guilherme Dias; OTT, Leila Cardozo. Análise de conhecimento e percepção de tutores de cães e gatos sobre alimentação biologicamente apropriada no estado do Rio de Janeiro. Revista Fluminense de Extensão Universitária, v. 14, n. 1, p. 15-21, 2024. Disponível em: https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RFEU/article/view/4242. Acesso em: 30 ago. 2026.

NÍ LEATHLOBHAIR, Máire *et al.* The evolutionary history of dogs in the Americas. Science, v. 361, n. 6397, p. 81–85, 2018. DOI: https://doi.org/10.1126/science.aao4776. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7116273/. Acesso em: 17 maio 2026.

OGOSHI, Rosana Claudio Silva; REIS, Jéssica Santana dos; ZANGERONIMO, Márcio Gilberto; SAAD, Flávia Maiia de Oliveira Borges. Conceitos básicos sobre nutrição e alimentação de cães e gatos. Ciência Animal, v. 25, n. 1, p. 64–75, 2015. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/cienciaanimal/article/view/14200. Acesso em: 19 maio 2026.

OLIVEIRA, Carolina Ferreira de; NOTOMI, Márcia Kikuyo. Bem-estar animal aplicado à clínica médica de cães e gatos domésticos.

Ciência Animal, v. 33, n. 3, p. 98–113, 2023. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/cienciaanimal/article/view/11630. Acesso em: 20 maio 2026.

OTTONI, Claudio *et al.* The palaeogenetics of cat dispersal in the ancient world. Nature Ecology & Evolution, v. 1, art. 0139, 2017. DOI: https://doi.org/10.1038/s41559-017-0139. Acesso em: 14 maio 2026.

PANAZZOLO, Roberta; FERREIRA, Fabiana Kruscinski; SANTOS, Karine Razera dos; BAPTISTA, Rebeca Alves; PESNIAKI, Daniel Pereira; ALVES, Sylvia Lacerda da Gama; RAIMUNDO, Angélica de Aquino; SCHNEIDER BEDIN, Aline Félix. Percepção nutricional dos tutores de cães e gatos da mesorregião serrana de Santa Catarina. Revista Ambientes em Movimento, Curitibanos, v. 4, n. 1, p. 28–36, jul. 2024. Disponível em: https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/am/article/view/7490. Acesso em: 30 ago 2026.

PAULINO, Pietro Ragozzino; SARKIS, Jorge Eduardo de Souza. Da caça à companhia: repensando a narrativa da relação humano-animal e como isso moldou a indústria Pet Food. Veterinária e Zootecnia, v. 31, p. 1-10, 2024. DOI: https://doi.org/10.35172/rvz.2024.v31.1541. Acesso em: 05 out. 2026.

PERRI, Angela R.; FEUERBORN, Tatiana R.; FRANTZ, Laurent A. F.; LARSON, Greger; MALHI, Ripan S.; MELTZER, David J.; WITT, Kelsey E. Dog domestication and the dual dispersal of people and dogs into the Americas. Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 118, n. 6, e2010083118, 2021. DOI: https://doi.org/10.1073/pnas.2010083118. Acesso em: 14 maio 2026.

PORSANI, Mariana Yukari Hayasaki *et al.* What do Brazilian owners know about canine obesity and what risks does this knowledge generate? PLOS ONE, v. 15, n. 9, e0238771, 2020. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0238771. Acesso em: 17 maio 2026.

REDAÇÃO ARTMED. Sintomas de intoxicação alimentar em animais: como tratar. Artmed, 1 out. 2025. Disponível em: https://artmed.com.br/artigos/sintomas-de-intoxicacao-alimentar-em-animais-como-tratar. Acesso em: 19 maio 2026.

REIS, Jéssica Ferreira dos; MIRANDA, Heitor Ferreira. Alimentos naturais e alimentação para cães em substituição aos alimentos industrializados. Lumen et Virtus, São José dos Pinhais, v. 16, n. 53, p. 1–18, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.56238/levv16n53-079. Acesso em: 30 mar. 2026.

RIBEIRO, Rafaela Rodrigues; SILVA, Monica Duarte da; MASSARI, Catia Helena de Almeida Lima. Equívocos ao se antropomorfizar a alimentação dos animais de companhia. PUBVET, v. 15, n. 12, p. 1–7, 2021. DOI: https://doi.org/10.31533/pubvet.v15n12a987.1-7. Acesson em: 20 maio 2026.

RIBEIRO, Rosana do Nascimento. Percepção dos tutores a respeito da alimentação oferecida para seus animais de companhia na região do Brejo Paraibano. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15408. Acesso em: 10 out. 2026.

SANTOS, K. O.; SOUZA, L. das S. Obesidade em cães e gatos: epidemiologia, fisiopatologia e estratégias de manejo sob a

perspectiva One Health. Brazilian Journal of Animal and Environmental Research, v. 9, n. 2, e87125, 2026. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJAER/article/view/87125. Acesso em: 17 maio 2026.

SANTOS, Letícia Scalon Dias dos; GASPARINI, Nathalia de Almeida; BROGIATO, Raquel Nascimento; CHIARELLI, Thainny de Souza; SOUZA, Victória Cristina Moreira de; SANTOS, João Paulo Fernandes. Xilitol: avaliação da compreensão de tutores de cães acerca dos riscos de seu consumo. PUBVET, v. 16, n. 6, a1145, p. 1–5, 2022. DOI: https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n06a1145.1-5. Acesso em: 17 maio 2026.

SOUSA, Felipe de. Pancreatite canina: o perigo na rotina dos médicos veterinários – revisão. PUBVET, v. 15, n. 3, p. 1–9, 2021. DOI: https://doi.org/10.31533/pubvet.v15n03a769.1-9. Acesso em: 15 maio 2026.

VILLAVERDE, Cecilia; CHANDLER, Marge. Commercial vs homemade cat diets: what you need to know. Journal of Feline Medicine and Surgery, v. 24, n. 5, p. 415-428, 2022. DOI: https://doi.org/10.1177/1098612X221090389. Acesso em: 10 out. 2026.

WALLER, Stefanie Bressan; CLEFF, Marlete Brum; MELLO, João Roberto Braga de. Intoxicações em cães e gatos por alimentos humanos: o que não fornecer aos animais? Veterinária em Foco, Canoas, v. 11, n. 1, p. 59–74, jul./dez. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282329072_Intoxicacoes_em_caes_e_gatos_por_alimentos_humanos_o_que_nao_fornecer_aos_animais. Acesso em: 20 maio 2026.

[1] Discente do Curso Superior de Medicina Veterinária da Universidade Chrisfapi. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Discente do Curso Superior de Medicina Veterinária da Universidade Chrisfapi. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[3] Docente do Curso Superior de Medicina Veterinária da Universidade Chrisfapi. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[4] Biomédico (UNINASSAU); Doutor em Biotecnologia (UFPI); Docente do Curso Superior de Medicina Veterinária do Centro Universitário Chrisfapi. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail